

Fernando Pessoa

## **ELEGIA NA SOMBRA**

### ELEGIA NA SOMBRA

Lenta, a raça esmorece, e a alegria  
É como uma memória de outrem. Passa  
Um vento frio na nossa nostalgia  
E a nostalgia touca a desgraça.

Pesa em nós o passado e o futuro.  
Dorme em nós o presente. E a sonhar  
A alma encontra sempre o mesmo muro,  
E encontra o mesmo muro ao despertar.

Quem nos roubou a alma? Que bruxedo  
De que magia incógnita e suprema  
Nos enche as almas de dolência e medo  
Nesta hora inútil, apagada e extrema?

Os heróis resplandecem a distância  
Num passado impossível de se ver  
Com os olhos da fé ou os da ânsia;  
Lembramos névoas, sonhos a esquecer.

Que crime outrora feito, que pecado  
Nos impôs esta estéril provação  
Que é indistintamente nosso fado  
Como o sentimos bem no coração?

Que vitória maligna conseguimos —  
Em que guerras, com que armas, com que armada? —  
Que assim o seu castigo irreal sentimos  
Colado aos ossos desta carne errada?

Terra tão linda com heróis tão grandes,  
Bom Sol universal localizado  
Pelo melhor calor que aqui expandes,  
Calor suave e azul só a nós dado.

Tanta beleza dada e glória ida!  
Tanta esperança que, depois da glória,  
Só conhecem que é fácil a descida  
Das encostas anónimas da história!

Tanto, tanto! Que é feito de quem foi?  
Ninguém volta? No mundo subterrâneo  
Onde a sombria luz por nula dói,  
Pesando sobre onde já estive o crânio,

Não restitui Plutão [a ver?] o céu  
Um herói ou o ânimo que o faz,  
Como Eurídice dada à dor de Orfeu;  
Ou restituiu e olhámos para trás?

Nada. Nem fé nem lei, nem mar nem porto.  
Só a prolixa estagnação das mágoas,  
Como nas tardes baças, no mar morto,  
A dolorosa solidão das águas.

Povo sem nexo, raça sem suporte,  
Que, agitada, indecisa, nem repare  
Em que é raça e que aguarda a própria morte  
Como a um comboio expresso que aqui pare.

Torvelinho de doidos, descrença  
Da própria consciência de se a ter,  
Nada há em nós que, firme e crente, vença  
Nossa impossibilidade de querer.

Plagiários da sombra e do abandono,  
Registramos, quietos e vazios,

Os sonhos que há antes que venha o sono  
E o sono inútil que nos deixa frios.

Oh, que há-de ser de nós? Raça que foi  
Como que um novo sol ocidental  
Que houve por tipo o aventureiro e o herói  
E outrora teve nome Portugal...

(Fala mais baixo! Deixa a tarde ser  
Ao menos uma extrema quietação  
Que por ser fim faça menos doer  
Nosso descompassado coração.

Fala mais baixo! Somos sem remédio,  
Salvo se do ermo abismo onde Deus dorme  
Nos venha despertar do nosso tédio  
Qualquer obscuro sentimento informe.

Silêncio quase? Nada dizes! Calas  
A esperança vazia em que te acho,  
Pátria. Que doença de teu ser se exala?  
Tu nem sabes dormir. Fala mais baixo!)

Ó incerta manhã de nevoeiro  
Em que o rei morto vivo tornará  
Ao povo ignóbil e o fará inteiro —  
És qualquer coisa que Deus quer ou dá?

Quando é a tua Hora e o teu Exemplo?  
Quando é que vens, do fundo do que é dado,  
Cumprir teu rito, reabrir teu Templo  
Vendendo os olhos lúcidos do Fado?

Quando é que soa, no deserto de alma  
Que Portugal é hoje, sem sentir,  
Tua voz, como um balouço de palma  
Ao pé do oásis de que possa vir?

Quando é que esta tristeza desconforme  
Verá, desfeita a tua cerração,  
Surgir um vulto, no nevoeiro informe,  
Que nos faça sentir o coração?

Quando? Estagnamos. A melancolia  
Das horas sucessivas [?] que a alma tem  
Enche de tédio a noite e chega o dia  
E o tédio aumenta porque o dia vem.

Pátria, quem te feriu e envenenou?  
Quem, com suave e maligno fingimento  
Teu coração suposto sossegou  
Com abundante e inútil alimento?

Quem faz que durmas mais do que dormias?  
Que faz que jazas mais que até aqui?  
Aperto as tuas mãos: como estão frias!  
Mão do meu ser que tu amas, que é de ti?

Vives, sim, vives porque não morreste. . .  
Mas a vida que vives é um sono  
Em que indistintamente o teu ser veste  
Todos os sambenitos do abandono.

Dorme, ao menos de vez. O Desejado  
Talvez não seja mais que um sonho louco  
De quem, por muito ter, Pátria, amado,  
Acha que todo o amor por ti é pouco.

Dorme, que eu durmo, só de te saber  
Preso da inquietação que não tem nome  
E nem revolta ou ânsia sabes ter  
Nem da esperança sentes sede ou fome.

Dorme, e a teus pés teus filhos, nós que o somos,  
Colheremos, inúteis e cansados

O agasalho do amor que ainda pomos  
Em ter teus pés gloriosos por amados.

Dorme, mãe Pátria, nula e postergada,  
E, se um sonho de esperança te surgir,  
Não creias nele, porque tudo é nada,  
E nunca vem aquilo que há-de vir.

Dorme, que a tarde é finda e a noite vem.  
Dorme que as pálpebras do mundo incerto  
Baixam solenes, com a dor que têm,  
Sobre o mortício olhar inda desperto.

Dorme, que tudo cessa, e tu com tudo,  
Quererias viver eternamente,  
Ficção eterna ante este espaço mudo  
Que é um vácuo azul? Dorme, que nada sente

Nem paira mais no ar, que fora almo  
Se não fora a nossa alma erma e vazia,  
Que o nosso fado, vento frio e calmo  
E a tarde de nós mesmos, baça e fria

Como longínquo sopro altivo e humano  
Essa tarde monótona e serena  
Em que, ao morrer o imperador romano  
Disse: Fui tudo, nada vale a pena.

2-6-1935

**Novas Poesias Inéditas.** Fernando Pessoa. (Direcção, recolha e notas de Maria do Rosário Marques Sabino e Adelaide Maria Monteiro Sereno.) Lisboa: Ática, 1973 (4ª ed. 1993): 125.